



O I FESTIVAL DE TEATRO DE ESTUDANTE: primeiras apresentações¹

Lindanor Celina

Inaugurado solenemente o Festival, às 23 horas de 19 de julho, no Teatro Santa Isabel, seguiu-se-lhe no domingo, dia 20, o “Julgamento de Hamlet”, de que já falei e, nos dias subsequentes, intensivo programa, exaustivo mesmo, para o qual na verdade só fôlego de gente moça. Pela manhã, diariamente, aulas, palestras ou conferências. À tarde e noite, apresentação de peças teatrais, respectivamente no Derby e no Santa Isabel. Isso sem contar as horas de ensaio obrigatório para os elencos, logo após o almoço, pois à medida que se aproximava o espetáculo marcado para o grupo, mais cresciam neste a expectativa, a ansiedade, o senso de responsabilidade.

A própria estreia foi um susto para os demais, pois marcou o alto nível da primeira apresentação. Coube ao “Grupo 57”, do Rio de Janeiro, a abertura do Festival. E foram felizes, de vez que deram o melhor desempenho feminino. Encenaram “Espectros” de Ibsen que, malgrado ser uma peça um tanto deslocada, para a época, teve excelente interpretação. Agnes Xavier (que já atuou no cinema nacional como Agnes Fontoura, no filme “A Estrada”) foi o ponto máximo do elenco, no papel de Mme. Alving. Hélio Carvalho, moço franzino, de pouca estatura e rosto encovado, estava mesmo talhado para o papel de filho doente, de mente e alma enfermas,

¹ CELINA, Lindanor. *O I Festival de Teatro de Estudante: primeiras apresentações*. Jornal Folha do Norte, Coluna Minarete, terça-feira, 05/08/1958. Acervo da pesquisa “Vanguardismos e Modernidades: cenas teatrais em Belém do Pará (1941-1968)”, do Prof. Dr. José Denis Oliveira Bezerra.

resultantes da mórbida herança paterna que trazia no sangue impuro e débil. Aliás, o jovem é essencialmente dramático, que durante as primeiras cenas, como filho mimado ou quando esboçava um namoro com Regina, agregada da família e que ali se criara, achei-o fraco e sem muita expressão nos diálogos e nos gestos. À medida, porém, que ia vivendo mais de perto o moço infeliz, presa da desgraça tara paterna que lhe condenara a ser um demente, um louco sujeito a acessos terríveis, mais fielmente se identificava ao desempenho. Na cena final, então, em que contracena com sua mãe (Agnes Xavier) no momento em que é presa do ataque da moléstia fatal é perfeito e convence a todos.

O pastor Manders também convenceu, mas a meu ver, com este deu-se o contrário, esteve melhor na primeira parte do drama. Não esteve à altura dos demais a atuação de Garcia Xavier que fez Tiago Engstrand, o pai calculista, que visava explorar a filha ingênua. Singular foi que a direção de Garcia Xavier foi, de modo geral, boa, só falhando quanto a si próprio...

“Espectros”, como se sabe, é uma sátira à sociedade, um libelo às falsidades convencionais, tudo analisado à luz das leis da hereditariedade. De qualquer maneira, foi essa uma das melhores apresentações do Festival. E não há dúvida que meteu em brio os demais concorrentes pelo alto nível artístico que marcou.

À noite do mesmo dia no Santa Isabel, dois espetáculos, além de um terceiro, inesperado e não muito edificante, dado por alguns elementos das “torrinhas”. O Teatro, apesar de belo e majestoso, era pequeno para conter a todos. Só os universitários participantes do certame lotavam as poltronas. Quanto a frisas e camarotes eram des [trecho apagado] da comissão, para o povo restando pois, somente o “paraíso”. Era pouco, é certo, mas ninguém tinha culpa disso. Daí uma tentativa de vaia, por alguns rapazes lá de cima, à organização do Festival, infelizmente abafada por nós que, seguindo o palpite feliz de um moço do Teatro Duse, abrimos a boca no mundo, entoando o Hino Nacional. Foi água na fervura. Logo todo o teatro cantava. Inclusive os que ensaiaram a pateada. Grande “chave” daquele moço que não há dúvida, tem alma de líder e temperamento de diplomata.

Seguiu-se, pois em santa paz, a apresentação do Coral Falado de São Paulo, conjunto de jovens oriundo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, de Ciências Faculdade de Direito, de Filosofia, Medicina e Odontologia daquela cidade. Foi um belo

espetáculo em que declamaram Gonçalves Dias, Manuel Bandeira, Ascensão Ferreira, Ruy Affonso, Euclides da Cunha, Cassiano Ricardo, João Cabral de Mello Neto e Osório Duque-Estrada (Hino Nacional) [ilegível] felizes em todos os números, [ilegível] em “Morte e Vida Severina” que para nós, que de há muito lidamos com o poema, não satisfaz. Em que pese o nosso egoísmo, podemos dizer “felizmente não [satisfaz?] pois o poema era a peça que iria encenar. Temíamos que eles, os de São Paulo, nos ofuscassem estragando o efeito de nossa apresentação. Tal não sucedeu, graças a Deus.

Foi apenas um “trailer” que deram do auto que iríamos apresentar. E bem pouco sugestivo, aliás.

Terminou a noite com a peça de Ariano Suassuna, “O Auto de João da Cruz”. Em se tratando de Suassuna, autor premiado no ano passado com “A compadecida”, esperou-se idêntico sucesso. Mas houve desencanto. Direção fraca, direção péssima, os meninos da Paraíba não tiveram o mínimo cuidado em burilar a maneira típica com que se exprimem, pitoresca aliás, mas realmente [ilegível] num [ilegível]. Para consolo dos paraibanos, a rainha do Festival, eleita no Clube Português, foi uma representante da Paraíba... O que já significa uma compensação, embora de natureza diversa...